# 2.º RELATORIO

# O SÃOSKRITO E A GLOTTOLOGIA ÁRICA

NO

## ENSINO SUPERIOR DAS LETTRAS E DA HISTORIA

GOA UNIVERSITY LIBRARY
This book is donated by ...

# IMPORTANCIA CAPITAL

DO

# SÃOSKRITO COMO BASE DA GLOTTOLOGIA ÁRICA

E DA

## GLOTTOLOGIA ÁRICA

NO

## ENSINO SUPERIOR DAS LETTRAS E DA HISTORIA

POR

G. DE VASCONCELLOS ABREU

Bacharel em Mathematica pela Universidade de Coimbra
Officier d'Académie, da Sociedade Asiatica e da de Anthropologia de Paris, um dos Secretarios Geraes
do Congresso Internacional de Sciencias Geographicas em 1875, em Paris, Discipulo de Haug (Munich) e de Bergaigne (Paris),
encarregado do Curso de Lingua e Litteratura Sãoskrita classica e vedica
juncto do Curso Superior de Lettras em Lisboa

> Da lingua em que nascestes, ...........
> ......................................
> Negar-lhe o fôro dos caudaes estudos?!
>
> *Fr. Manuel* «Arte poetica.»

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1878

# RELATORIO

APRESENTADO EM

CUMPRIMENTO DAS DETERMINAÇÕES DA PORTARIA DO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

DE 16 DE MARÇO DE 1875

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

## MARQUEZ D'AVILA E DE BOLAMA

Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado
dos Negocios do Reino

No presente relatorio, a transcripção dos caracteres dévanágricos fez-se de dois modos: um *scientifico*, geral, symbolisando, em caracteres romanos por artificio de pontos e outros signaes graphicos suprapostos ou subpostos ás lettras, a phonia sãoskritica; outro *accomodativo á pronúncia portugueza.* Ambos estes modos de transcripção vão indicados no quadro seguinte onde o leitor verá os caracteres dévanágricos correspondentes ás transcripções.

Á representação graphica scientifica damos o nome de *transcripção;* á particular, e accomodativa á pronúncia portugueza damos o nome de *translitteração*, porque representamos sons em maior numero do que os existentes na linguagem portugueza por lettras do alphabeto d'esta lingua.

Em toda a translitteração h representa aspiração, excepto em *nh* representação graphica portugueza da nasal palatal; ph sôa pois como em inglez no vocabulo u*ph*ill.

Temos em portuguez o som ṡ mas não o signal graphico; quando inicial de syllaba, devemos usar da translitteração *ch;* quando final, da translitteração s (que sôa ṡ em portuguez).

Se ḥ for médio e seguido de consoante deve ser representado na translitteração pela vogal precedente repetida; assim: दुःषंतः duḥṣantaḥ, Duuxantas.

Na transcripção â, î, ... representam *crase.* Na translitteração o accento ^ tem o valor portuguez.

O ˜ recae sobre vogal ou diphthongo como em portuguez.

# SYLLABARIO DÉVANÁGRICO

॥ देवनागरी ॥

---

TRANSCRIPÇÃO SCIENTIFICA E TRANSLITTERAÇÃO EM PORTUGUEZ

**Vogaes**

| Devanágarí | | Transcripção | Translit. |
|---|---|---|---|
| अ | – | ă | a |
| आ | ा | ā | á |
| इ | ि | ĭ | i |
| ई | ी | ī | í |
| उ | ु | ŭ | u |
| ऊ | ू | ū | ú |
| ऋ | ृ | r̥̆ | ri |
| ॠ | ॄ | r̥̄ | ri |
| ऌ | ॢ | l̥ | li |
| ॡ | ॣ | – | – |
| ए | े | e | é |
| ऐ | ै | æ | ai |
| ओ | ो | o | ó |
| औ | ौ | œ | au |

**Consoantes**

| Devanágarí | Transcripção | Translit. | Devanágarí | Transcripção | Translit. |
|---|---|---|---|---|---|
| क | ka | ka | प | pa | pa |
| ख | kha | kha | फ | pha | pha |
| ग | ga | ga | ब | ba | ba |
| घ | gha | gha | भ | bha | bha |
| ङ | ṅa | na | म | ma | ma |
| च | k̇a | tcha | य | ja | ya |
| छ | k̇ha | tchha | र | ra | ra |
| ज | ġa | dja | ल | la | la |
| झ | ġha | djha | व | va | va |
| ञ | ṅa | nha | | | |
| ट | ṭa | ta | श | ṡa | cha |
| ठ | ṭha | tha | ष | ṣa | xa |
| ड | ḍa | da | स | sa | sa |
| ढ | ḍha | dha | ह | ha | ha |
| ण | ṇa | na | | | |
| त | ta | ta | ं | ~ | ~ |
| थ | tha | tha | ँ | ~ | – |
| द | da | da | ः | ḣ | s |
| ध | dha | dha | ऽ | ' | ' |
| न | na | na | | | |

## Errata

Alem de alguns erros typographicos, raros, tem o leitor a corrigir no presente relatorio:

| Pag. | Lin. | Erro | Emenda |
|---|---|---|---|
| 5 | 16 | -prakaśa | -prakāśa |
| 13 | 12 | é orgão | é o orgão |
| 20 | 21 | Henri Estienne | Henri, e Robert Estienne |
| 34 | 7 | glottologia | glottologia árica |
| 38 | 26 | faisant | faisait |

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor:

Em obediencia á portaria datada de 16 de março de 1875, do ministerio dos negocios estrangeiros, direcção politica, sendo então ministro o Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro João de Andrade Corvo, cumpre-me apresentar ao governo de Sua Magestade Fidelissima o meu relatorio final.

É a V. Ex.a, Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez d'Avila e de Bolama, como presidente do conselho de ministros, que eu, portanto, devo dirigil-o.

Este relatorio seria inutil se não houvesse a necessidade e a obrigacão de, por elle, dar conhecimento ao paiz do modo pelo qual desempenhei a missão que me foi confiada, e tornar públicas as indicações, que por aquella portaria se me ordena dê ao governo de Sua Magestade ácerca *da organisação dos estudos orientaes* e ácerca das *vantagens práticas e immediatas que resultam do conhecimento d'elles para a organisação scientifica em Portugal e para a de administração colonial.*

Sería inutil: porque V. Ex.a está sufficientemente informado por mim, e até, depois do que tive a honra de expor a V. Ex.a apenas cheguei de França, onde ultimamente residi, por indicação de V. Ex.a, houve Sua Magestade por bem decretar a creação provisoria da cadeira que tenho a honra de estar regendo.

O relatorio, como se me ordena pela portaria, deve constar de tres partes:

1.a Dar conta da missão.

2.a Indicar a organisação dos estudos orientaes.

3.a Indicar que vantagens praticas e immediatas resultam do conhecimento d'elles para a organisação scientifica em Portugal e de administração colonial.

Eu, porém, pelo respeito devido ao paiz, já em janeiro de 1877 tive a honra de dirigir a S. Ex.ª, o Sr. Conselheiro João de Andrade Corvo, um relatorio pelo qual me parece ter satisfeito a parte do que me foi ordenado.

E pelo meu outro relatorio publicado em o *Diario do governo* de sexta feira 21 de setembro de 1877, manifestei perante o paiz o interesse capital que attribuo aos estudos orientaes em geral, e em particular áquelles a que me votei especialmente, para a reforma de que entre nós tanto se carece na instrucção publica no tocante ás lettras e á sociologia.

Pelo programma que fechava esse meu relatorio se tornava bem sensivel quanto os estudos do sãoskrito são proprios para esclaracerem o da Historia na parte que nella ha mais sublime: a psychologia humana e a formação das sociedades—constituição da familia, constituição das nações, instituição de culto e de fórma de governo.

Assim, não me occuparei agora de fallar no interesse colonial, sobretudo administrativo, que demanda se faça o estudo da historia e litteratura (religiosa, juridica, etc.) da India, porque disse bastante no relatorio ácerca do meu primeiro anno de estudos orientaes; não fallarei, tão pouco, do interesse scientifico do estudo do sãoskrito senão de passagem, porque julgo tel-o feito sentir de modo especial na segunda parte d'aquelle meu relatorio; nem direi da organisação dos estudos orientaes senão incidentemente, porque a organisação dos estudos em paizes taes como a França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, é conhecida, já por documentos officiaes, e do governo, já por livros que d'ella tratam exclusivamente, e do público.

Demais, o grande mal em muitas das reformas, que se têem feito em Portugal, está no vício de se imitar sem ver a que necessidades corresponde a innovação que é, pela primeira vez, posta em prática.

Não me compete dar os pormenores para uma reforma, elaborar um projecto. Cabe-me lançar-lhe os traços, delineal-a rapidamente, esboçar o conjuncto.

Se é certo que a cada nação em separado se deve satisfazer no que lhe é peculiar; não é menos certo que todas as nações, mórmente as da Europa occidental, cuja civilisação é indivisa, estão sujeitas a leis naturaes de evolução identicas, em virtude do que, ha para todas as que estão no mesmo grau de civilisação geral, necessidades geraes a que tem de satisfazer-se do mesmo modo.

Sob tal ponto de vista geral me conservarei, e só entrarei na especialidade por exemplificação.

Mas antes de começar essa parte d'este relatorio devo dar conta do modo pelo qual occupei o tempo do meu segundo anno de estudos.

## I

Quando em 1875 principiei o anno lectivo de 1875-1876 em Munich, sob a direcção do grande orientalista, o dr. Martinho Haug, professor de litteratura e lingua sãoskrita classica e vedica, e de grammatica comparativa na universidade da capital bavara, tencionava eu fazer todo o meu curso com aquelle grande sabio. Este curso seria assim composto: sãoskrito, zenda, maráthí, elementos de hebraico e assyriologia e grammatica comparativa.

Tinha eu calculado com o distincto professor serem-me precisos quatro a cinco annos de estudo aturado, ouvindo as lições públicas d'elle e as particulares que nunca deu, mas que se prestava a dar-me por ver o meu empenho e enthusiasmo. Começámos com ardor e proseguimos o nosso plano vigorosamente a despeito da doença que breve nos assaltou a ambos.

Não tenho que repetir aqui o que disse em officios dirigidos ao ministro o Ex.^mo Sr. Conselheiro Andrade Corvo, e de leve menciono no meu primeiro relatorio.

A minha doença ía sendo fatal; a do meu caro professor deixou de luto a familia d'elle e os seus amigos e discipulos, e tristes todos os que tanto tinham a esperar da intelligencia robusta e vastissimos conhecimentos de Haug, fallecido aos cincoenta annos!

O meu estado de saude e a morte de Haug fizeram com que eu saísse de Munich dizendo o ultimo adeus á sua universidade!

Fui para París mais para convalescer do que para estudar.

Sem plano verdadeiramente assentado, continuei a estudar, procurando o distincto sãoskritologo Bergaigne para dar-me lições particulares, sobre os Vedas e o seu commentario escripto por Sáyana. Poucas pude aproveitar. A doença veiu logo pôr-lhes estorvo.

Por conselho de medicos e de amigos (d'entre os quaes alguem medico) retirei-me do estudo continuado, e fui para a Normandia, para Lion-sur-mer. Não podia deixar completamente os meus livros. E ali traduzi todos os episodios excerptos do Mahábhárata por Johnson, continuei no estudo do commentario do Rik pelo magnifico livro do orientalista francez, o veneravel ancião contemporaneo do celebre Bur-

nouf, Adolpho Regnier. Li todo o trabalho que elle intitulou: *Étude sur l'idiome des Védas et les origines de la langue sanskrite;* e preparei o meu primeiro relatorio.

Em outubro voltei a París, ainda indeciso sobre se ficaria em França, se iria para Berlim. Peorei de saude. Resolvi ficar em París.

Os cursos de sãoskrito que, d'entre todos os que houve, mais conviria eu seguisse, faziam-se ás oito horas da manhã.

Era no inverno. Eu doente. Demais, Bergaigne não póde fazer o curso, que eu tanto desejava sobre os Vedas. Pensei, e decidi ficar em París estudando por mim só, e indo ouvir algumas lições, livremente, feitas por professores eximios cuja doutrina seria util nos meus estudos especiaes.

Ouvi assim Maspero em egyptologia, Oppert em assyriologia. E para completar a minha educação intellectual segui regularmente as lições de anthropologia feitas na sala da sociedade de anthropologia de París, por Broca, de Mortillet, Bertillon, Hovelacque, Topinard e Dally.

Para colher maior fructo pratiquei a anatomia, durante alguns mezes, sobre o cadaver, dirigido nesse estudo por um habil empregado da escola pratica da faculdade de medicina e laboratorio de anthropologia, Theophilo Chudzinski, anatomista distincto.

Os cursos, cujo director é Broca, já conhecido como capacidade europea, eram assim dividos entre os sabios professores:

Anthropologia anatomica—Broca.
Anthropologia biologica—Topinard.
Ethnologia—Dally.
Anthropologia prehistorica—de Mortillet.
Anthropologia linguistica—Hovelacque.
Demographia, Geographia medica—Bertillon.

Estes estudos foram-me, na verdade, de grande proveito pela somma de conhecimentos que me deram, indispensaveis não a quem se proponha a traduzir sãoskrito, zenda ou maráthí, mas a quem se proponha a saber alguma cousa de ethnologia sem cujo estudo não se póde ser orientalista.

Eu sei que lição devo aos livros de Fr. Müller, aos de Oscar Peschel e outros, sem cuja doutrina jámais poderia comprehender as emigrações áricas, a distribuição geographica das raças, o desenvolvimento de suas civilisações dependentes da conformação do espaço que occuparam.

Assim empregava todas as tardes. As manhãs dedicava-as ao estudo do sãoskrito, principalmente da grammatica de Pánini lida no resumo mais methodico «Laghu-kæmudī» de que traduzi mais de metade, comparando-a algumas vezes com a «Siddhanta-kæmudī» auxiliado sempre pelo magnifico trabalho de Otto Böhtlingk «Pânini's acht Bücher Grammatischer Regeln».

A traducção feita por Kielhorn do «Paribhāṣendu-śekhara» de Nágodjíbhatta, como maximas, que são explicativas para interpretação e applicação das regras dadas por Pánini, foi para mim de leitura utilissima.



Na parte historica ácerca d'este grammatico tirei grande proveito d'outro trabalho de Kielhorn «Kātjājana and Patañǵali: their relation to each other, and to Pāṇini» (Bombaim, 1876), e o livro de Burnell «On the Aindra School of Sanskrit Grammarians, their place in the Sanskrit and subordinate literatures.» (Mangalor, 1875).

Não menciono aqui outros trabalhos de que aproveitei doutrina, taes como os de Max Müller, Weber e Goldstücker, por os haver lido antes.

Uma vez por semana dava eu lições de sãoskrito a um emigrado carlista que estava em París.

Nestes dias, então, o meu trabalho de estudo proprio, era unica e exclusivamente dedicado á traducção do drama de Kalidása «śakuntalā» pela edição de Pischel.

Foi-me de grande auxilio neste estudo a edição com vocabulario de Carlos Burkhard, e para o estudo do prákrito as «Flexiones prâcriticæ quas editioni suæ sâcuntali pro supplemento adiecit», do mesmo auctor, conjunctamente com a grammatica prákrita de Vararutchi: «Prākṝta-prakaśa», edição de Cowel, Londres. 1868.

Posto que as resenções sejam differentes, a edição de Monier Williams (Londres, 1867) do drama de Śakuntalā facilitou-me summamente o estudo.

As noites, excepto as d'estes dias, gastava-as eu indo ás sociedades scientificas ou lendo sobre antiguidades indianas pelos livros de Muir e mais geralmente, como texto que verdadeiramente seguia, pelas «Indische Alterthumskunde» de Lassen.

Ainda que em minha consciencia entendesse não perder o meu tempo nem gastar mal o dinheiro da nação, pareceu-me dever officiar declarando que, por não poder seguir o curso que desejava com Bergaigne, estava estudando o sãoskrito só commigo. E neste sentido officiei.

Depois da Paschoa, Bergaigne principiou o curso, que me interessava, sobre os Vedas; fui ouvil-o até que regressei a Portugal.

A minha bibliotheca, que todos os dias ía augmentando, e que enriqueci em mais de 3:000 francos desde junho de 1876 até junho de 1877; o meio intellectual em que se vive em París; a facilidade que ali ha de se estudar qualquer assumpto nas bibliothecas pela riqueza e boa administração d'ellas; davam-me ensejo a eu proseguir por mim o estudo do sãoskrito, a ouvir de sabios professores doutrina em que ainda não tinha sido iniciado. É o meio intellectual a primeira condição para o estudo. É este meio o que infelizmente nos falta. Nós vivemos isolados.

Oiço todos os dias dizer que em Lisboa ha distracções de mais para que se possa estudar. Não são as distracções que abundam; é a falta de ponto de attenção que não existe!

París é uma das cidades onde mais se estuda.

Não me distrahiram ali os espectaculos de prazer. Absorvia-me o meio intellectual a ponto de só me sentir fatigado quando d'elle sahi.

Eis em resumo, e sem rodeios, a exposição do modo pelo qual occupei o meu

tempo durante os mezes de novembro de 1876 a fim de maio de 1877 em París.

Se de estúdos tão diversos que fiz na Allemanha e em França, em tão curto tempo, eu tirei saber que possa ser proveitoso ao meu paiz, melhor do que nenhum relatorio, nem testemunho de qualquer natureza, o dirá:—a prova por que estou passando no ensino, que é o verdadeiro estudo, de que actualmente estou encarregado; a grammatica que se está imprimindo; as selectas em que estou trabalhando. A missão de que fui encarregado não terminou ainda verdadeiramente; ha de terminar em 1880, quando findarem os tres annos do curso provisorio que tão auspicioso começou e tão satisfeito me traz.

V. Ex.ª entendeu que eu seria util no paiz vindo nelle continuar pelo ensino o estudo principiado em paizes estrangeiros. Honrou-me com a sua confiança chamando-me para eu reger uma cadeira que já de ha muito devia existir definitiva entre nós. Oxalá V. Ex.ª possa realisar a satisfação das necessidades manifestas da nossa instrucção publica, creando a cadeira de glottica, principalmente de linguas romanas, reformando o estudo de philosophia (entre nós chamado logica), creando o verdadeiro ensino das linguas classicas, e invertendo a ordem por que entre nós se fazem os estudos de instrucção secundaria, determinando-se, por exemplo, que de futuro o estudo de historia se faça depois do de mathematica, physica, chimica, botanica, zoologia, historia natural, emfim, elementar.

Grande coragem é preciso para conseguir a boa reforma dos estudos num paiz; mas nenhuma reforma é tão vitalmente interessante para a sua prosperidade. Nenhuma póde trazer melhores fructos de paz productora. Nenhuma, que mais incite á vida social, fertil em progressos reaes.

Mas, repito, é preciso muito coragem, muita prudencia e maior energia.

## II

Em todos os paizes a anarchia ou a prosperidade moral é a expressão da relação entre a constituição politica e a constituição social.

A constituição politica é filha da vontade e da reflexão. A constituição social é o resultado natural e espontaneo dos esforços individuaes, tendentes todos inconscientemente para o mesmo fim.

Toda a vez que a constituição politica se *conservar áquem* das tendencias da constituição social, haverá repressão, oppressão, revolta, anarchia.

Toda a vez que a constituição politica for de *progresso que vá álem* das tendencias da constituição social, haverá os abalos produzidos pelo impulso violento; haverá a falta de continuidade,—e tal solução é a que gera as heresias politicas, e as revoluções sem bandeira e ao acaso.

Mas o estado anemico social não é menos perigoso. A anarchia mansa é a mais de temer na sociedade. Mais valem odios que se mostram, braços que lutam, vigores que sabem arcar desaffrontadamente, do que mesquinhas malquerenças que se escondem hypocritas para ferirem covardemente, trémulas, fracas, sem ousarem erguer altivas o escudo da sua convicção. Na sociedade, a que flagella a anarchia mansa, gastam-se as forças vitaes pelo egoismo, pela calumnia, por todas as torpes immoralidades.

É a decomposição putrida. Tudo fermenta, tudo se corrompe. E chega-se a este estado quando edades após edades trazem o desanimo a que muita gente chama desengano, e é o maior e mais nocivo de todos os enganos! Este desanimo é consequente necessario, fatal, da impotencia dos expedientes para dirigir-se o corpo da nação. Os expedientes são o consequente necessario, fatal, da impossibilidade de intelligencia mútua entre os que dirigem e os que são dirigidos. E, finalmente, esta impossibilidade provém da incompatibilidade do espirito de *conservação absoluta,* com o espirito de *progresso absoluto;* porque este é a vida que irrompe, aquelle

resto do passado que se esvae, e illude, por querer *ficar*, e, á força de *conceder*, *passa*, mas, á força de *resistir*, *vicia*.

O governo, portanto, que souber cuidar em conhecer as tendencias da constituição social, para *conservar* o que ainda não possa ser substituido, e para modificar no sentido dessas tendencias a constituição politica, rejeitando o que for caduco, e pondo em seu logar o que tiver vida nova, tal governo, *mantendo a ordem, incitará ao progresso*, affirmando aquella, consolidará este. Porque ser *progressista é conservar* a *ordem*, é *attender*, é *respeitar* o desenvolvimento natural e consequente. Governar é dirigir, não é coartar e menos coagir.

Para que um governo possa conciliar a ordem e o progresso, é mister que elle mantenha a instrucção pública no maior desenvolvimento e sempre á altura da sciencia. Resente-se a constituição social do estado da instrucção pública. Se esta for mal dirigida, se por exemplo em certos ramos seguir os dictames da sciencia (estudo da mathematica precedendo o da physica, o desta precedendo o da chimica, etc.), em outros caminhar ao acaso (estudo do portuguez, do latim, etc., como se faz entre nós), e em alguns obedecer ás *exigencias repressivas* da constituição politica (estudo da historia, e da philosophia em contradicção com o que se ensina nas sciencias naturaes); a anarchia intellectual é inevitavel. Contradictoria, incompativel, heterogenea nas suas partes, a instrucção é o elemento mais dissolvente da sociedade—todas as perturbações na ordem moral, politica, social; na familia, no individuo; são manifestações da anarchia das idéas.

---

O fim da instrucção pública deve ser—Dar ao individuo os conhecimentos necessarios para que tenha a concepção mais exacta possivel do homem e do universo.

A base deve ser a sciencia, tal como for reconhecida verdadeira nas differentes epochas.

Daqui resulta a obrigação immediata de se eliminar da instrucção pública tudo o que seja opposto á verdade scientifica; isto é—á verdade filha da experiencia e da observação, e por esta confirmada; á verdade absoluta; isto é—incontestavel em todos os tempos.

A consequencia immediata desta eliminação é: nos corpos directores saberem dirigir; nos corpos dirigendos saberem obedecer.

O individuo que tenha concepção exacta, quanto possivel, do homem e do mundo é naturalmente observador da norma que essa concepção lhe dá. Essa norma é uma só para a mesma concepção. E esta será uma só, quando dada pela *sciencia* que é a mesma em toda a parte. Assim todos os espiritos, todos os corações e todas as vontades concorrerão harmonicamente; proseguir-se-ha a evolução da sociedade segundo ordem certa, determinada, invariavel, necessaria, prevista e dirigida; sem abalos filhos da anarchia intellectual, causa das mais tristes revoluções do mundo.

Urge desde já que expurguemos a nossa instrucção pública do que esta tem de



nocivo, e possa limpar-se sem abalo na constituição politica. Sem opposição (o que tambem seria anarchia) á que nos rege, póde, e, portanto, deve, o governo que for dotado de boa vontade e conhecer o alcance dos estudos necessarios, entrar immediatamente nas reformas parciaes: no ensino de linguas, historia, rhetorica.

Para tratarmos d'este assumpto, convem primeiro ver qual é a ordem historica d'estes conhecimentos na sciencia geral.

Sciencia, em geral, é o conjuncto dos conhecimentos, os unicos, que podem dar ao homem a faculdade de prever e por consequencia a direcção para bem se reger.

Sciencia, em particular, é o conjuncto das leis que regem os phenomenos da mesma ordem.

Esta ordem é determinada pela lei geral, ou facto irreductivel, de que dependem outras leis, ou condições fixas de manifestação.

Mergulhando quanto possivel no abysmo insondavel do passado, vemos que, só muito á superficie dos tempos precedentes do nosso, se encontra o que em rigor, segundo a definição dada, deve chamar-se sciencia. É de Newton para cá.

Na verdade os conhecimentos adquiridos pela humanidade, desde tão longe quanto a podemos ir surprehender, não se unificam numa serie de termos cada um sujeito a uma lei determinada. E menos ainda, dão esses conhecimentos a faculdade de prever. O homem não tem consciencia da sua direcção, nem dentro da grande epocha grecó-latina, nem dentro da civilisação devida ao christianismo. O homem começa a ter consciencia das suas aspirações e a tomar a sua verdadeira direcção depois da revolução franceza. É isto devido sobretudo ao grande desenvolvimento scientifico; numa palavra, por virtude da concepção do homem e do universo dada pela sciencia.

Não nos admiremos, pois, das grandes lutas, das enormes catastrophes devidas ao espirito de intolerancia, nos seculos que precederam o nosso, nem estranhemos a anarchia actual. A tolerancia só póde coexistir com o sentimento do seu proprio valor, e no espirito enrobustecido por verdades demonstradas, não embalado por dogmas acceitos ou impostos. A anarchia geral actual é filha do embate do velho mundo que morreu (morreu, mas não acabou! Morto estava o polytheismo no tempo de Cicero, e quando acabou?... É que a data da morte das instituições é, na historia, o momento em que ellas perderam a actividade productiva). A anarchia actual, diziamos, é filha do embate do velho mundo que morreu e do novo mundo que toma consciencia de si proprio. Este seculo, estupendo em descobrimentos maravilhosos, deve a sua grandeza scientifica á accumulação de factos descoordenados conhecidos, que não aproveitados, nos seculos passados. Mas, em virtude d'esta grandeza soberba, é nas cousas sociaes e politicas o nosso seculo o seculo da anarchia, pela incompatibilidade d'essa grandeza com a mesquinhez de progresso real em tudo quanto respeita ás relações dos homens entre si. Tal anarchia é o facto monstruoso d'essa sociedade gigante que morreu no seculo XVI, e cujo phantasma tem aterrado o mundo durante mais de dois seculos.

Essa anarchia, porém, a par do horrendo traz o sublime.

Sublime, porque ella é, por um lado, o esforço supremo necessario para a affirmação de que as relações sociaes podem progredir, e pôr-se á altura a que o homem já subiu no desenvolvimento scientifico e industrial.

Sublime, porque ella é a manifestação de que nas relações sociaes ha leis, como as ha entre os phenomenos de ordem inferior, estudados por sciencias particulares.

Sublime, porque ha de arrancar ao empyrismo a direcção das sociedades, e confial-a á intelligencia que obedecendo ás leis, que determinam tal direcção, nella caminhe guiada pela faculdade de prever.

Só de hoje, porém, se chegou a possuir esta faculdade a mais nobre do homem, e sem a qual todas as sciencias são inuteis, e a serviço da qual estão todas as sciencias.

Sciencia, ou μάθησις, era entre os gregos o conjuncto de todos os conhecimentos evidentes e certos. (Daqui o errado modo de pensar que só ha certeza na *mathematica.)*

*Mathesis* eram algumas noções de arithmetica, de geometria, de astronomia, de musica, de mechanica e de optica.

Depois das mathematicas, o ramo da sciencia que logo começou a desenvolver-se foi o conhecimento dos phenomenos de vida e dos morbidos. Mas só mais de cem annos depois de Pythagoras apparece Hippocrates que penetra na pathologia (podemos assim chamar-lhe). Mais tarde vem Aristoteles e descreve os animaes e as suas partes. Theophrasto escreve ácerca das plantas. Erasistrato, Herophilo e sobretudo Galeno, podemos dizer, conheceram de anatomia. Ao todo mais de oito seculos.

E comtudo só a sciencia dos numeros, a da quantidade, da extensão, e do movimento estava constituida.

A ligação entre os phenomenos physiologicos e os pathologicos não se conhecia; a ligação biologica entre os animaes (incluindo e homem, é claro) e as plantas não se conheceu. Nem mais tarde na edade média. Faltava o conhecimento do modo de nutrição e o da irritabilidade, essa propriedade caracteristica e irreductivel de todo o organismo.

Ora, onde não ha ligação não ha methodo, que é o meio de estabelecer e de assentar as leis. Logo não ha sciencia. E de facto não houve sciencia da vida biologica, apesar de tão assombrosos trabalhos, nem em toda a antiguidade nem em toda a edade média.

Mas durante este último periodo os alchimistas, embora sem principios nem theoria scientifica, antes levados por phantasticas chimeras e concepções á priori, foram os predecessores dos chimicos modernos. Os seus trabalhos serviram a experiencia, que, mais tarde, revelou o modo de combinação.

A nutrição, dependente de phenomenos chimicos de ordem elevada, só depois de constituida a sciencia da chimica por Lavoisier e sabios seus contemporaneos, na segunda metade do seculo XVIII, pôde ser conhecida.

Isto nos mostra a grande dependencia de duas sciencias, as quaes estão como antecedente e consequente.



O que se dá entre a biologia, constituida por Bichat no principio d'este seculo, e a chimica, sem a qual não pôde ser revelada, dá-se entre a chimica e a physica. Dependem entre si como antecedente a physica e consequente a chimica. Porque sem conhecimento das propriedades: gravitação, gravidade, calor, luz, etc., nunca se poderia chegar a especular sobre as propriedades chimicas, todas subordinadas a estes phenomenos de gravitação, calor, electricidade, etc.

As propriedades physicas, principaes e necessarias para constituirem sciencia, só foram conhecidas depois de Galileu e de Newton.

Galileu tinha descoberto as leis da gravidade. Newton pela descoberta da *gravitação universal*, a que se reconheceu estar subordinada a *gravidade* (gravitação á superficie da terra), separou a physica em duas partes, antecedente e consequente, astronomia e physica propriamente dita.

A astronomia estava já em grande adiantamento no tempo da escola de Alexandria. Bastou a geometria para a elevar a tão subido grau. Assim eram conhecidas as leis das estações, da precessão dos equinocios, dos eclipses, etc. A idéa de gravitação constituiu definitivamente a astronomia.

Para se chegar á geometria foi preciso passar pela idéa de numero. A geometria é o numero applicado ao espaço.

A idéa de numero é universal. É facto da observação e experiencia primitiva do homem. Tem por origem, como o disse Condorcet, a percepção simultanea de muitas cousas similhantes.

Mostra-nos por este modo a historia que a humanidade partiu do mais geral para o mais particular, e do mais simples para o mais composto; assim vemos o encadeamento da acquisição lenta e laboriosa da sciencia por antecedentes e consequentes; assim vemos a grande lei (toda altruista na ordem moral) da *solidariedade.*

Daqui tirâmos o principio hierarchico para a classificação das sciencias. O qual é, da mais moderna para a mais antiga «Complexidade decrescente e generalidade crescente; donde o segundo principio «A sciencia consequente carece da sciencia antecedente para chegar ao seu periodo de definitiva constituição.»

Classificam-se, portanto, as sciencias especiaes que ficaram constituidas até ao principio d'este seculo, em: mathematica, astronomia, physica, chimica e biologia.

Será isto o que constitue na ordem especulativa todo o saber humano? Dará este conjuncto ao homem a faculdade de prever e a direcção para bem se reger?

Não! Porque essas sciencias não nos ensinam cousa nenhuma ácerca das relações de homem para homem, de povos para povos. Apparecem-nos como factos sociaes, mas nada nos dizem d'estes.

A anthropologia (uma parte da biologia) dá as leis que regem o homem como individuo. Mas é impotente para explicar o homem em sociedade. Esta explicação dá-a a *sociologia*, ou sciencia das sociedades, pela lei da *evolução.*

São pois seis as sciencias fundamentaes, cujo conjuncto systematico dá a synthese norma do coração, da intelligencia e da vontade.

A ordem d'estas seis sciencias, é segundo generalidade decrescente e complexidade crescente:

1.º Mathematica.
2.ª Astronomia.
3.ª Physica.
4.ª Chimica.
5.ª Biologia.
6.ª Sociologia.

---

Que a historia, seja qual for a definição que d'ella se dê, pertence á sociologia é desde já evidente.

Não acontece o mesmo com a *sciencia da linguagem*. Suscita-se a dúvida: Pertence á biologia ou á sociologia? Grandes glottologos têem resolvido a questão contra a sociologia. Schleicher, o grande Schleicher foi o que mais defendeu a idéa de que a linguagem deve ser estudada como um ramo da biologia. Continuam depois d'elle os seus discipulos a prégar esta doutrina.

Respeito Schleicher, sem cujos livros e sem cujo methodo não ha estudo da *glottica* ou melhor *glottologia, sciencia da linguagem*. Porém, seguir o mestre neste ponto é ser exclusivista por intolerancia dogmatica.

Outros mestres têem escripto sobre a sciencia da linguagem, outros sobre os caracteres proprios da biologia e os proprios da sociologia, e têem arguido contra Schleicher não ter elle distinguido, no homem, entre o individuo isolado e o individuo no estado social.

Se o homem só por si, isolado, se pelas suas forças individuaes póde chegar á linguagem, isto é, a expressar, quer por palavras quer por mimica, as suas idéas e os seus sentimentos, então a linguagem é um facto biologico; mas se o homem não póde chegar a ter linguagem senão por meio das forças sociaes reunidas ás aptidões d'elle, individuaes, a linguagem é um facto social.

Schleicher foi contra o methodo scientifico, de que sempre se serviu, quando concluiu o que hoje sustentam por dogmatismo os seus discipulos, e que elle por certo teria condemnado por anti-scientifico se vivesse.

Com effeito, o individuo dotado biologicamente dos orgãos proprios da voz, embora vivendo em sociedade, se for surdo completamente, e não for ensinado por methodo proprio, não falla. A sua linguagem é a mimica; mas esta tanto mais imperfeita quanto menor for a sua vida social.

É certo, pois, que ha individuos com todos os orgãos proprios da voz e, no cerebro, san a parte que preside á linguagem, faltando-lhes apenas o ouvido para poderem imitar, e que nesses individuos, só por este facto, a linguagem fallada não se póde desenvolver em virtude do estado de isolamento em que elles se encontram mesmo no meio de uma grande sociedade. Sendo alem d'isto a sua linguagem mimica aperfeiçoada na razão directa do meio social, é evidente que a linguagem, por qualquer fórma que ella se considere, não é propria do individuo mas do homem social.



Demais, a somma de vida social influe por tal fórma na linguagem fallada de uma nação, que no desenvolvimento da linguagem d'ella se revela o desenvolvimento da sua civilisação.

Embora dotado de larynge e no perfeito estado physiologico da terceira circumvolução frontal, e no de toda a massa encephalica, embora tendo os orgãos do pensamento e da vontade, a faculdade geral de expressão, a faculdade particular de articular, a de transmissão pelos nervos, a de execução pelos musculos, o homem só por si não póde fallar, isto é, não póde usar da palavra, tem apenas a voz.

Assim como o homem opéra sobre a voz, assim a sociedade opéra sobre a palavra. Se a larynge é o orgão da voz, o homem é orgão da palavra.

A linguagem é, portanto, um facto social. E por consequencia o estudo da linguagem entra na sciencia das sociedades ou sociologia.

---

O que fica dito basta para se concluir que a nossa instrucção pública está deficientissima.

Entre nós o estudo das lettras não se faz scientificamente; entre nós não se ensina a glottica; entre nós, por consequencia, ignora-se a mais sublime sciencia—a sociologia.

A introducção do estudo da lingua e litteratura sãoskrita no quadro do ensino público é o primeiro passo dado e indispensavel preliminar para uma faculdade de sociologia, que tem de se crear em Lisboa, no Porto e em Coimbra. Estas faculdades serão as de medicina do espirito.

O interesse e importancia da philologia sãoskritica são innegaveis. Mas, e o tenho dito officialmente e no meu ensino já, a civilisação indiana, a hindu propriamente, desenvolveu-se tão isoladamente que nada podemos esperar do estudo exclusivo d'ella para derramar luz sobre a nossa occidental.

Com effeito, áparte os Vedas, que, como o disse um grande orientalista, Max Müller, não pertencem exclusivamente aos hindus, são o mais antigo monumento escripto da grande familia árica; á parte a influencia exercida pela litteratura narrativa buddhica, sobre a litteratura europea da edade media; a litteratura, a civilisação hindu nada tem commum directamente no seu desenvolvimento historico com a nossa litteratura, com a nossa civilisação.

Esta posição secundária, porém, que é a da philologia sãoskrita classica considerada em si, unicamente, sobe de grau, e torna-se superior, é do maximo interesse, como instrumento de duas disciplinas que vieram lançar luz deslumbrante para os olhos acostumados ás trevas em que se perdia o passado, luz a que estão hoje habituados os que o souberam achar sobre a historia da civilisação occidental nos seus mais remotos periodos.

A sciencia da linguagem e a da mythologia, como as de duas fórmas primitivas

da actividade sentimental e espontanea, racional e socialmente modificada depois, vieram renovar a sciencia da historia. Os seus resultados praticos vêem-se hoje claramente na politica europea.

Facto este que determina a creação immediata da cadeira de glottica a par da de sãoskrito.

Emquanto á sciencia das religiões, ou mythologia comparativa, para a familia árica, o seu logar está por natureza na cadeira de literatura e lingua vedica—d'ella bastam os traços geraes do methodo, e os resultados mais importantes. A sua base é o estudo dos Vedas. Tem ali portanto cabimento.

O estudo da glottica para a familia árica tem egualmente a base no estudo da lingua vedica, mas ao seu ensino não bastam os traços geraes do methodo. Pelo contrario, as necessidades scientificas actuaes exigem que elle se faça já em Portugal de modo muito mais vasto e muito mais complexo. Carece de ser feito á parte e posteriormente ao dos elementos da lingua sãoskrita classica.

## III

Quando em fins do seculo passado os europeus recomeçaram o estudo do sãoskrito inaugurado pelos trabalhos de Hanxleden, o primeiro europeu que escreveu uma grammatica sãoskrita, e compoz um diccionario malabar-sãoskrito-portuguez, na India, onde viveu de 1699 a 1732, e já antes, póde dizer-se, com Sassetti, mas logo abandonado no seculo XVI, notou-se de prompto que muitas palavras d'essa lingua correspondiam de um modo singular, em som e significação, a palavras das principaes linguas da antiguidade classica e modernas da Europa.

Em 1763 um missionario jesuita francez, o padre Coeurdoux, dirigiu á Academia das Inscripções e Bellas Letras de París uma memoria em que propunha áquella sabia corporação o seguinte problema: «D'où vient que dans la langue samscroutane (o *sãoskrito;* escreveu-se o nome da lingua sagrada dos brâhmanes por differentes modos: *Hanscred, Samscredam, Samscrudom, Samscrudam, Samscret, Shanscrit, Sungscrit, Sanskrita, Sanskrito, Sanscroot,* etc.), il se trouve un grand nombre de mots qui lui sont communs avec le latin et le grec, et surtout avec le latin?»

Coeurdoux confrontava, entre outras palavras, as seguintes:

| | | | |
|---|---|---|---|
| Sh. | dānam....... | lt. | donum |
| | dattam...... | | datum |
| | vīra........ | | vir-tus |
| | vidhavā..... | | vidua |
| | agni........ | | ignis |
| | antara...... | | inter |
| | ǵanitrī...... | | genitrix |

Cœurdoux não se enganou em nenhuma d'estas confrontações. A sua intelligencia ía mesmo mais longe, porque elle não se limitava ás palavras, notava a correlação das fórmas grammaticaes, taes no grego εἰμί, que confrontava com o sãoskrito asmi, e o que mais é com o latim,—notava a existencia do augmento syllabico—a do *a* privativo,—os nomes de numeros; e notava emfim outros factos cuja natureza não permitte explical-os por meras relações de commercio ou ainda de litteratura,

por serem de feição da lingua. Donde o intelligente missionario concluía que os hindus, os gregos e os latinos eram povos da mesma origem.

Cœurdoux não se detinha ainda aqui; achava tambem relações entre o sãoskrito e o allemão e o esclavão.

As suas observações, porém, quasi não moveram a interesse nenhum os sabios da Academia a que as dirigiu. Ficaram ellas ineditas até 1808, e só um seculo depois de terem sido escriptas é que o sabio professor do collegio de França e escola das «Hautes Études», Miguel Bréal, revindicou para o ignorado missionario a gloria de ter sido o primeiro a assignalar não só o laço glottico, mas ethnico, que liga os principaes povos da India, da Persia e da Europa.

E note-se bem, esta assignalação do laço ethnico é effectivamente importante, e deixa bem demonstrado o alcance largo da intelligencia do padre Cœurdoux. Não que seja hoje conhecido em sciencia esse laço ethnico, antes não se crê que elle exista de um modo absoluto; mas porque deixa evidente que o sagaz jesuita viu naquelles factos um phenomeno organico digno de estudo.

Cœurdoux incitava assim a um movimento scientifico que mais tarde só começou, mas successivamente accelerado e communicado.

No espaço de tempo que decorreu desde então até hoje, o movimento scientifico tem realisado, nessa direcção, tantos productos, que por si só constituiriam vasta bibliotheca.

O grande resultado de tantos trabalhos é a resposta á pergunta admiravel de intuição scientifica do padre Cœurdoux.

Conheceu-se primeiro da affinidade existente entre o sãoskrito, o persa, o grego, o latim, e os idiomas letticos, slavicos, germanicos e celticos. A comparação estendeu-se depois a todo o systema grammatical de cada uma d'estas linguas; e buscou-se a rasão de differenças tão profundas que nellas se davam a par de affinidades tão evidentes.

Isto levou á decomposição analytica dos vocabulos, a conhecer a sua evolução historica; a comparar esta em differentes pontos do tempo e do espaço; a concluir assim a connexão, a filiação, a determinar emfim as leis de transformação das linguas.

A analyse foi dissecando cada palavra a ponto de nella separar elementos morphicos, se não primordiaes, pelo menos irreductiveis para o estado da sciencia de hoje, e na maior parte intelligiveis. Deante de tão rigorosa, quão simples e clara analyse, caíram as concepções da grammatica tradicional europea, e as subjectivas da supposta grammatica geral.

Os factos, dando concepção toda objectiva, vieram demonstrar que essa sciencia dos principios geraes e communs a todas as linguas é uma construcção phantastica, modelada, em parte segundo as vistas subjectivas, em parte pelas nossas linguas modernas. Assim o verbo, palavra por excellencia para os metaphysicos da grammatica geral, é fórma que não existe em muitas linguas.

Deve-se o methodo que coordenou todas as investigações a Francisco Bopp, que o fez conhecer aos sabios pela maneira pela qual o applicou, escrevendo: «Ueber das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprachen. Nebst Episoden des Ramajan und Mahabharat in genauen metrischen Uebersetzungen aus dem Original Texte und einigen Abschnitten aus den Vedas, herausgegeben und mit Vorerinnerungen begleitet von Dr. K. J. Windischmann.» Frankfort, s. o Meno, 1816.



Windischmann, aqui seu collaborador, tinha sido o seu mestre em Aschaffenburg.

Era elle sabio e amigo de sabios, taes como os dois Schlegel, Creuzer, Görres. Discipulo, porém, de Windischman nos elementos da sciencia, Bopp não o foi no methodo que elle creou.

Havia o meio, o grande fertilisador, para dar vida ao genio de Bopp.

Em París, aonde Bopp foi continuar os seus estudos de que resultou o «Conjugationssystem» encontrou elle Sacy, Chézy, Quatremère, Rémusat e outros. Em Londres, aonde foi ultimal-os, encontrou o celebre Guilherme de Humboldt, que, embaixador da Prussia na côrte ingleza, sabia tirar ás suas fadigas officiaes tempo para receber de Bopp a iniciação nos estudos do sãoskrito.

Depois de inaugurar para os estudos glotticos o methodo historico-comparativo, occupou-se em escrever varias memorias onde mais o firmou, e a propagar o estudo do sãoskrito.

Para este fim publicou o «Glossarium Sanskritum» e a «Grammatica critica linguæ sanskritæ» e varios textos. Firmou o methodo historico-comparativo para a sciencia da glottica em memorias publicadas na secção historico-philologica da Academia de Berlim.

Até que em 1833 reuniu todos os seus esforços numa synthese admiravel, seu verdadeiro padrão de gloria: «Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Griechischen, Lateinischen, Litauischen, Gothischen und Deutschen», cuja publicação se demorou por vinte annos quasi.

Na segunda edição Bopp tratou tambem da lingua armenia, e do antigo slavo mais largamente. Melhorou a sua obra e completou o monumento do seu genio e do genio do homem.

Depois de Bopp veiu J. Grimm com a sua colossal »Deutsche Grammatik», outro soberbo modelo do methodo scientifico, applicado agora exclusivamente aos principaes dialectos germanicos antigos e modernos.

Bopp no «Coujugationssystem» tinha dissecado a flexão, conhecêra da *morphologia*.

Grimm na «Deutsche Grammatik» foi até ao elemento por excellencia da palavra — o som, cujas transformações e leis que as regem estudou; a elle se deve a *phonologia*.

Logo Pott na sua obra «Etymologische Forschungen auf dem Gebiete der Indo-germanischen Sprachen mit besonderem Bezug auf die Lautumwandlung im Sanskrit, Griechischen, Lateinischen, Littauischen und Gothischen», cujo titulo foi na edição seguinte «Et. F. auf d. G. d. I.-g. Spr. unter Berücksichtigung ihrer Hauptformen, sanskrit, zend-persisch, griechisch-lateinisch, litauisch-slawisch, germanisch

und keltisch», levou com braço de gigante a theoria de Grimm e a phonologia para o estudo de quasi todas as linguas áricas.

O celebre Frederico Diez tratou magistralmente das linguas romanas, segundo o methodo novo, na sua «Grammatik der romanischen Sprachen».

Outros sabios fundados nas obras d'estes mestres produziram trabalhos, monumentaes ainda, sobre o celta, e sobre o slavo.

E até a propria investigação de Bopp, em mãos como as do talentoso e chorado Schleicher, tomou maior vigor pela publicação da obra capital a que este intitulou modestamente «Compendium des vergleichenden Grammatik des indogermanischen Sprachen.—Kurzer Abriss einer Laut-und Formenlere der indogermanischen Ursprache, des Altindischen, Alteranischen, Altgriechischen, Altitalischen, Altkeltischen, Altslawischen, Litauischen und Altdeutschen.»

Em torno d'estes grandes vultos creadores da glottica árica formaram-se adeptos ardentes, numerosos seguidores, que, já especialisando, já generalisando, têem chegado mesmo a ultrapassar os limites da familia árica.

Senhores do methodo, têem com elle levado a luz ás linguas semiticas. cuja unidade glottica está hoje reconhecida, ás linguas ural-altaicas, ás do sul da Africa, ás dravidicas.

Neste grande movimento de estudos que vemos successivamente propagar-se da Allemanha á França, á Russia, á Italia, á Inglaterra, aos paizes scandinavos, á America do norte, á India, e por fim desde 1868 a Portugal, pelos trabalhos de Francisco Adolpho Coelho, e depois á Hespanha, têem as linguas áricas o predominio: porque constituem a unidade glottica mais bem determinada, e portanto estudada, graças ás suas litteraturas, á sua superioridade como instrumento do pensamento, á sua importancia geral no desenvolvimento e irradiar communicativo da civilisação, graças ao perfeito instrumento da lingua sãoskrita.

## IV

A glottica árica póde considerar se como dividida em dois ramos principaes;

1.º Grammatica comparada;

2.º Historia das linguas;

Que não constitue a etymologia um ramo á parte.

A etymologia é uma applicação dos principios estudados na grammatica comparada e historia das linguas ao estudo monographico das palavras.

No methodo comparativo a que a glottica obedece, a analyse e a synthese caminham a par; reunem-se multiplicados os factos etymologicos, estabelecem-se as leis grammaticaes.

Nem será grammatica comparada perfeita aquella que não incluir repartidos em categorias todos os vocabulos, de formação conhecida, da lingua (em differentes epochas) ou das linguas que estudar.

O typo de um trabalho similhante é o de Leo Meyer sobre a lingua gotica.

A grammatica comparada subdivide-se em *phonologia* ou estudo dos sons, em *morphologia* ou estudo da formação das palavras, e em syntaxe.

A *morphologia* comprehende o estudo das raizes e o dos affixos (prefixos, prepositivas nas linguas áricas, e suffixos), o do modo pelo qual estes se combinam com aquellas para, por meio de fórmas flexivas, constituirem a verdadeira palavra, o do modo de combinação para derivação secundaria, e composição de palavras entre si formando outras novas.

A estas tres partes da grammatica virá, por certo, com o progresso dos estudos, juntar-se outra parte e importantissima. Por isto mesmo mais complexa. Será o estudo da *funcção*.

A phonologia é a parte dominante de toda a grammatica; é a base solida de toda a investigação glottica, e nella foram mestres os hindus pelos magnificos tratados que nos legaram sobre os *sons* na lingua sãoskrita.

A phonologia não é esse conjuncto ridiculo de regras orthoepicas e orthographicas a que se acha reduzida a theoria dos sons na grammatica usual.

Joret consagrou ao estudo de um som unico de um limitado numero de linguas

um volume de xx e 343 paginas em 8.º gr. «Du C dans les langues romanes» in «Bibliothèque de l'École des Hautes Études» (París, 1874).

A phonologia occupa quasi todo o primeiro volume de cada uma das grammaticas de Bopp, de Grimm, de Diez; occupa 207 paginas da «Grammatica celtica» de Zeus (2.ª edição). Ascoli consagrou um volume inteiro («Corsi di Glottologia dati nella R. Academia scientifico-litteraria di Milano», volume primo, «Lezioni di fonologia comparata del sanscrito, del greco e del latino», Torino e Firenze, E. Loescher, 1870, puntata prima, pp. xvi, 240) á phonologia do sãoskrito comparada com a das duas linguas classicas da antiguidade europea. Consagrou outro á phonologia dos dialectos do norte da Italia («Saggi ladini» no «Archivio glottologico italiano», vol. i).

Corssen escreveu dois vastos volumes sobre a phonologia latina: «Ueber Aussprache, Vokalismus und Betönung des lateinischen Sprache» (2.ª ed. 1868–1870, 8.º gr. xvi, 820. iv 1:087 pag.). E não fallo de outras obras complementares devidas ao mesmo auctor.

Curtius escreveu a sua obra «Grundzüge der griechischen Etymologie», de que em dez annos se fizeram cinco edições, deixando nella essencialmente um tratado de phonologia.

Emfim, por não augmentar mais esta enumeração, deve ainda mencionar-se o trabalho de Schuchardt sobre o vocalismo do latim vulgar em tres volumes.

Já no seculo xvi, Duarte Nunes de Leão entre nós, e em França Henri Estienne, ao estudarem as relações de suas linguas patrias com o latim e com o grego, haviam notado alterações ou permutações regulares de sons, cuja analyse esses homens eruditos e intelligentes fizeram de modo notavel para a sua epocha. O que em seus livros ha erroneo e incompleto provém, não do pouco saber dos auctores, mas dos preconceitos do tempo.

Assim: Designava-se por corrupção da lingua latina o que hoje se conhece e se designa por desenvolvimento natural em dialectos. Julgava-se então o latim lingua morta; e sabe-se hoje que o latim não morreu.

As alterações phoneticas têem na vida das linguas importancia notoria, e extensão vasta, que nem o capricho individual nem o inexplicavel acaso podem dominar ou limitar.

A sciencia determinou as leis de taes alterações, por isso que estas são effectivamente um phenomeno social, como tudo que resulta da acção collectiva dos povos, inconsciente, mas cujo caracter de espontaneidade mais facilidade dá á sua investigação e descobrimento.

No principio, tudo o que mais tarde a grammatica considerou como elementos das palavras, tinha valor determinado e presente ao espirito de quem as empregava. Pelo processo da abstracção, e por outras causas conhecidas em grande parte pela sciencia, se foram condensando algumas phrases em um só vocabulo.

A expressão do pensamento passou de juxta-positiva a synthetica. O habito transmittiu o conjuncto sem cuidado pelas partes formativas; os elementos particulares de cada palavra perderam pela transmissão da linguagem fallada o caracter,



conhecido ao principio, que lhes dava vida independente. O mesmo instincto que os reuniu os alterou.

A plastica da phrase teve de amoldar-se á plastica da palavra. Daqui resultou a necessidade de facilitação para a pronuncia, a fixação da accentuação e o encurtamento do conjuncto.

É pela passagem de um som para outro affim physiologicamente, de um que exige maior esforço emissivo para outro que o exige menor, que em regra se opéra a alteração consonantica.

As vogaes acentuadas apagam as de modulação mais fraca e menos ampla. Este phenomeno traz sons consonanticos em contacto. E d'este contacto resulta a accommodação, a qual, sendo por assimilação (vide adiante a sua lei), mais tarde se reduz ao desapparecimento de uma consoante.

A estes factos geraes junta-se o facto da idiosyncrasia ethnica; a influencia do meio; o desenvolvimento intellectual; a civilisação.

E assim se produzem, de uma só lingua, limitada a area curtamente circumscripta, dialectos, fallares que são variações d'essa mesma lingua, ella mesma, póde dizer-se, em area mais larga, e satisfazendo a necessidades que crescem na razão directa da área.

Disse eu já que Bopp tinha creado a morphologia, e Grimm a phonologia.

Vou expor de modo breve, como é da natureza d'este escripto, a lei importante descoberta por Grimm, mas já antes prevista e começada a trazer a lume pelo celebre dinamarquez Rask.

---

O estudo comparativo dos systemas phonicos das diversas linguas antigas, da familia árica, leva á conclusão de que na lingua originária havia o seguinte systema de consoantes explosivas ou momentaneas:

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Não aspiradas | duras... | k | t | p |
| | brandas. | g | d | b |
| Aspiradas.......... | | gh | dh | bh |

Sem conhecimento do sãoskrito, o unico fallar que conservou todo este systema fundamental, ainda que por vezes alterado, nunca a sciencia o poderia ter reconstruido.

O sãoskrito, nos casos em que não conservou este systema fundamental inalterado, modificou-o (limito-me a pontos essenciaes) assim:

As gutturo-palataes:

k g

degeneradas por enfraquecimento incompleto nas pálato-chiantes momentaneas correspondentes

k̇ ġ

Em certos casos k degenera, por enfraquecimento completo, na pálato-chiante contínua, ṡ

Em certos outros, como ainda mais em grego, k mudou-se em p.

As duras não aspiradas:

k t p

passaram a ter aspiradas:

kh th ph.

O grego, o latim e o celta (fóra da acção de certas leis phoneticas, taes como as de assimilação) conservam com fidelidade k t p.

O p é supprimido em uma phase particular do celta, bem assim — g d b.

Divergem, porém, estas linguas no tratamento das momentaneas brandas aspiradas:

gh dh bh

O grego muda-as quasi invariavelmente nas momentaneas duras aspiradas: χ φ θ, substituindo apenas por exemplo no interior da palavra χ por γ.

O celta redul-as ás tenues brandas g d b. Confundem-se, portanto, nesta lingua as duas series primitivas: — g d b, gh dh bh.

O latim, depois de momentos intermediarios do seu fallar, entre os quaes devemos contar aquelle em que parou o grego (χ θ φ), scindiu: — gh em h inicial; em g quando medial; — dh em f inicial; em d,b mediaes; bh em f inicial; b medial.

Alteração mais extensa do que esta produzida na lingua latina se observa nas linguas germanicas, onde o desequilibrio consonantal é ainda maior.

Designemos por B os sons brandos, por D os sons duros, por A os aspirados; teremos o seguinte quadro:

| Sons originaos | Passam nas linguas germanicas em gotico a | e no alto allemão a |
|---|---|---|
| B ....... | D ....... | A |
| D ....... | A ....... | B |
| A ....... | B ....... | D |

Cuja correspondencia é talvez mais evidente assim:

| | | | |
|---|---|---|---|
| Sons orig.. | ABD | BDA | DAB |
| Gotico.... | BDA | DAB | ABD |
| Alto all.... | DAB | ABD | BDA |

Qualquer d'estas columnas symbolisa a lei.

Note-se agora a symetria. Assim:

As modificações que é preciso fazer no *systema originario* ABD para passar ao *systema correspondente gotico* BDA são as mesmas que é preciso fazer das mesmas



lettras neste systema para passar ao systema do alto allemão; o que se vê na terceira columna confrontando aquellas mesmas letras ABD no systema em gotico com as suas correspondentes BDA no systema em alto allemão.

Tomemos ainda DAB em gotico. Corresponde a BDA na lingua originária; e a BDA no systema gotico corresponde no systema do alto allemão DAB.

Por outro lado, toda e qualquer operação phonetica, que se opera em *um som* do systema originario para passar-se ao som correspondente no systema gotico, é a mesma que é preciso operar-se *nesse mesmo som*, mas do systema gotico, para passar-se ao correspondente no systema do alto allemão.

Assim:

Originario A corresponde a gotico B.

E gotico A corresponde a alto allemão B.

E finalmente, a mudança necessaria para passar de um som em qualquer dos tres systemas para outro som no mesmo systema, é a mudança necessaria tambem uniformemente em qualquer dos outros systemas para alterar esses sons.

Exemplo: Se tomarmos, do systema originario, A e o quizermos passar a B, o A do correspondente systema gotico tem de passar a B e bem assim no systema alto allemão.

Donde se conclue que cada systema varía uniformemente com cada um dos outros ou é *funcção* de cada um dos outros.

Posto isto, seja S o systema das constantes A(spiradas, B(randas, D(uras; e x, y, z a ordem variavel pela qual estes sons entram no systema.

Teremos:

$$\left.\begin{array}{l} S_x = f\ (S_y)\ldots \\ S_y = f\ (S_z)\ldots \\ S_z = f\ (S_x)\ldots \end{array}\right\}\ldots\ldots a)$$

E similhantemente

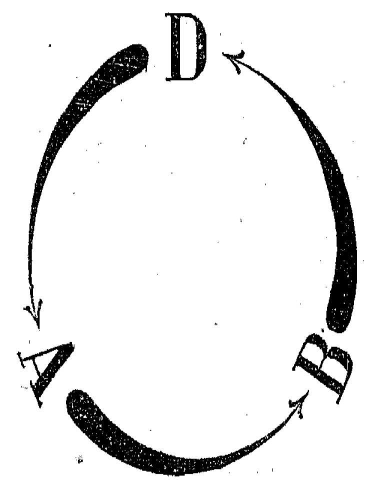
$$\left.\begin{array}{l} S_x = f'\ (S_z)\ \ldots \\ S_y = f'\ (S_x)\ \ldots \\ S_z = f'\ (S_y)\ \ldots \end{array}\right\}\ldots\ldots b)$$

Logo:

$$\left.\begin{array}{l} S_x = f\ (f'\ (S_x)\ )\\ S_y = f\ (f'\ (S_y)\ )\\ S_z = f\ (f'\ (S_z)\ ) \end{array}\right\}\ldots\ldots c)$$

Isto é: *Operou-sé uma* TRANSFORMAÇÃO CIRCULAR COMPLETA *entre as momentâneas duras, aspiradas, e brandas na passagem do fallar proto-árico para o gotico e d'este para o alto allemão.*

O que se representa graphicamente pelo seguinte diagramma.




D'este diagramma se tiram as nove equações seguintes:

Arico orig. Germanico orig.
k = kh
g = k
gh = g
t = th
d = t
dh = d
p = ph
b = p
bh = b

Áparte certas irregularidades e excepções a que talvez mais convenha o nome de leis secundárias, o que fica exposto resume-se no quadro seguinte, onde se faz entrar o sãoskrito (sk.), o grego (gr,), e o latim (lat.) em substituição do proto-árico, e se introduz a degeneração em contínuas:

| | Dentaes | Gutturaes | Labiaes |
|---|---|---|---|
| Sk., gr., lat. .................. | d; t; dh, θ, f | g; k, c, q; gh, χ, f | b; p bh, φ, f |
| Got. .................. | t; th; d | k; ch, h; g | p; f b |
| Alto all.. .................. | z, ss; d; t | ch, h; ch, h, g; k | f, pf; f, v, b; p |

O gotico é o mais antigo representante, conhecido, de um grupo de dialectos do baixo allemão: anglosaxão, inglez, frisico, hollandez, flamengo; e todo o ramo scandinavo,—antigo islandez, sueco, norueguez e dinamarquez. A este primeiro estadio veiu sobrepor-se o segundo, ou alto allemão.

Para exemplificar tudo o que fica dito teria de encher muitas paginas. A natureza d'este escripto não o permitte.



Tomo alguns vocabulos; assim:

Ao sãoskrito t r a j a s, grego τρεῖς, latim *tres*, slavo liturgico *trije*, celtico (irlandez antigo) *tri*, com *t* primitivo correspondem o gotico *thrair* com aspirada verdadeira ou degenerada em contínua—*cf.* o inglez *three*, o antigo alto allemão *d r i*.

A raiz sãoskrita d a m de d ā m j a t i (3.ª s. pr. Par. cl. 4), grego δαμ de δαμάω (=vedico d a m ā j ā m i), latim d o m de d o m o, nos quaes *d* é primitivo, correspondem: gotico t a m em g a t a m j a n, antigo alto allemão z a m de z a m j a n, z a m ō n; e no anglosaxão t a m (cf. got.) de t a m j a n, inglez (to) t a m e.

Á raiz r u d h «ser *rubro*» do sãoskrito em r u d h i r a m (n. s. n.) «sangue», grego ἐ-ρεύθ-ω, latim r u b-e r (celta,—a. irlandez r u a d h «vermelho»), correspondem: gotico r i u d de g a r i u d j o (anglosaxão r e a d, inglez r e d), antigo alto allemão r ō t.

---

Alem da lei de Grimm que fica exposta na sua maxima generalidade, ha ainda duas leis phoneticas importantes de que convenha fazer menção neste escripto. São:

A lei da assimilação;

A lei das desinencias.

1.ª Fallando das alterações phoneticas disse que dois sons consonanticos em contacto se accommodam, e que sendo a accommodação por assimilação, um d'elles vinha a desapparecer.

A assimilação é a identificação, é claro. Esta identificação póde dar-se, ou na mesma palavra entre os elementos morphicos, ou em duas palavras diversas unidas por estreito laço syntactico.

É este processo de identificação que reduziu as consoantes g t em contacto na forma fundamental de um participio passado passivo a g-t a, a uma só consoante no portuguez á t o (acto s. m.)

Os intermedios são evidentes; e por bem conhecidos mesmo de quem não for glottico, escolhi este exemplo. São a t t o (cf. o italiano a t t o) no baixo latim, onde é manifesta a *assimilação*, e anteriormente a esta o latim a c t u s, por accommodação ao som duro *t* do som brando *g*, tornado em duro guttural c=k.

Este processo póde ficar detido em tal ou tal estadio da lingua. É certo que nas europeas, em que elle se realisou completamente (assim no portuguez considerado como phase do latim), exigiu o trabalho de grande numero de seculos.

2.ª Pela lei das desinencias, as linguas, em um certo periodo da sua existencia, fixam os sons que hão de terminar as palavras d'ellas, rejeitando todos os outros. Ha uma como que escolha que se repete em cada uma das grandes phases evolutivas das linguas.

O portuguez fixou para finaes de todas as suas palavras as vogaes *a e o*—*i u* só quando accentuadas,—e as consoantes *r l s*—soando este não como ç mas como ś, isto é, não sibilante dental mas sibilante palatal.

Este *s* tambem se representa por *z*; e por vezes tem, alem do som ṡ um som ż, isto é, um intermedio entre z e g (*j* em port,) pronunciado não explosivamente, mas contínua ou fricativamente.

É tambem em virtude da lei das desinencias que se suppriment certos sons finaes desde que precedem certos outros. Assim em portuguez se supprimiram os *es* e *is* latinos finaes depois de *r l*, excepto o caso em que é preciso distinguir uma differença grammatical. Exemplo é: *male* em latim comparado a *mal* em portuguez, *doctore* a *doutor*, etc.; e por outro lado em portuguez *pare* (de parir) e *par;* etc.

---

Até aqui disse da phonologia. Direi agora da morphologia.

Emquanto que a phonologia estuda a palavra nos seus *elementos staticos*, a morphologia estuda-a na sua *constituição dynamica*.

A phonologia estuda os elementos formativos das syllabas sem entender da sua representação na palavra. A morphologia chega pela analyse comparativa das palavras aos elementos d'estas, ás raizes, que, embora não possâmos considerar como a fórma primordial, são no estado actual da sciencia irreductiveis.

Ha duas series de raizes irreductiveis (corpos simples da chimica—*simples hoje*). São: raizes verbaes, raizes pronominaes.

Na phase primordial a que podemos chegar do fallar árico, estas duas series eram os elementos, de que já fallei, immediatos da linguagem e presentes ao espirito como partes de valor synthetico de phrase mais tarde reduzida a palavra.

É a combinação da phonetica com a morphologia que nos dá as etymologias, empregando-se sempre o methodo historico comparativo.

Esta combinação methodica dá por vezes resultados assombrosos, inesperados; reune vocabulos que o etymologo *á priori* jámais daria como originados de uma só raiz.

Eis um exemplo:

A raiz p ā pela significação de «nutrir» deu as de «beber, defender, proteger». Cf. em grego *πάομαι, πῶμα* com *πατέομαι*.

Esta raiz encontra-se no latim em p ā v i de p a s c o, p ā b u l u m, p a n i s, e em b i b o onde está reduplicada, e portanto na syllaba reduplicativa enfraquecida a vogal a em i.

Esta mesma raiz p ā é a de p a t e r, p o t e n s, etc. Mudado p em f no gotico (vide o quadro) vemos nesta lingua f o d j a n «nutrir», vemos no anglosaxão f o d a e no inglez moderno f o o d, f o d d e r, correspondente este ao allemão moderno f u t t e r «forragem», palavra que veiu á lingua portugueza pela franceza, onde f o u r r a g e se deriva do vocabulo f o r r e «palha» no antigo francez, derivado esse de f o d r u m, que se encontra como *vulgar* em textos carlovingios e é derivado de origem gotica.



Assim vemos que em portuguez os vocabulos

| | |
|---|---|
| Pão .......... | Têem a raiz p ā. |
| Pasto ......... | |
| Pastor......... | |
| Pote .......... | |
| Potente........ | |
| Pai........... | |
| Beber ......... | |
| Forragem ...... | |
| Etc. ......... | |

O etymologo jámais o diria pelos methodos antigos.

E ainda hoje muitos perguntarão:

E p a l h a será tambem da mesma raiz? Não! respondo.

O vocabulo p a l h a, latim p a l e a, é da raiz que se encontra nos vocabulos de onde se originaram *pollen; pelvis; pallido, pardo; polvora, pó; chão, cheio, piano;* etc.

Outro exemplo não menos curioso é o que póde tirar-se da raiz t a r s em sãoskrito t r̥̄ ṣ.

Não me limitarei só á lingua portugueza, examinarei differentes accepções que essa raiz foi tomando no desenvolvimento do fallar árico.

A significação originaria da raiz t a r s é «sequioso, arido». Em sãoskrito t r̥̄ ṣ a «sêde» e tambem «desejo», como nós diremos *sequioso* per *desejoso;* no zenda t a r ś n a «sêde»; com esta mesma significação se encontra no gotico e seus derivados; no lithuano; no celta (a. irlandez), etc. No grego ha a raiz *τερς* em *τέρσομαι* «eu secco» e noutros vocabulos.

Da idéa de «sequioso, arido» se passou facilmente á de «cousa sequiosa e arida» i. e «a argila, o barro, a terra», assim no antigo irlandez t i r «terra» a par de t i r m e «aridéz»; em latim t e r r a por t e r s a, e t e s t a por t e r s t a «vaso de terra, de barro cosido» e mais tarde «concha, ostra» e «craneo, testa».

A idéa immediata é «ardencia». Ha para confrontar em latim e x-t o r r i s «desterrado» que nos mostra um primitivo t o r r a, com o verbo t o r r e r e «seccar, queimar, torrar».

Da idéa material de ardencia se chega á abstracta, e assim em sãoskrito, por exemplo, alem do vocabulo já citado, temos t r̥̄ ṣ u «libidinoso» e tambem «que se move rapido, impetuoso», idéa expressa no latim t o r r e n s.

D'esta ultima lingua tirou o italiano t o s t o «depressa, com presteza» do participio t o s t u s que, adjectivo, se encontra na phrase *faccia tosta* «cara (estanhada) sem vergonha» e adverbio com a significação de «rapido», *tosto tosto* «prompto, etc.» e se encontra ainda em *tôt* do francez, em phrases como: *au plus tôt; tôt après*, etc., em adverbios camo *tantôt, aussi tôt*.

A que idéas serviu esta raiz! E quantos vocabulos?! Que etymologo *á priori* iria achar affinidade nas palavras portuguezas: terra, testo, torrão (de terra, de assucar)

testa, tosta, torrada (subst. e adj.), torrente, turra (teima), etc?

Não são estas ainda as maiores bellezas da glottica. A funcção da palavra é o seu verdadeiro fim.

Continuemos, porém, a dizer dos meios.

Nos exemplos dados, tomei uma raiz e mostrei como esta é commum a certos vocabulos, de entre outros de que não fallo por não fazer a monographia da raiz. Mostrarei agora como as duas series de raizes se juntam, se juxtapõem *para enunciarem por phrase uma idéa expressa no periodo synthetico por uma palavra.*

Caminharei do presente estado da nossa lingua para os que o precederam. E por notavel tomarei o monosyllabo s o u.

Este monosyllabo é de formação moderna, e tem da phrase primitiva apenas uma lettra — s.

No portuguez antigo disse-se *som, são, sum* — do latim s u m, apherese da fórma archaica e s u m. Comparando-se em o grego a fórma εἰμι com a eolica ἔμμι e com a do sãoskrito a s m i, vê-se que a fórma grega está por ἐσμι, cujo *s* se assimilou no eolico ao *m* immediato, como de regra; assim ao thema attico ἡμι de ἡμεῖς corresponde o eolico ἀμμι por ἀσμι — a s m a «nós» em sk., etc.

Na fórma classica latina cáiu a vogal inicial *e*, e na archaica já não se encontra a vogal terminal *i*. Aos latinos repugnava-lhes a ligação consonantica *sm*, aqui, para mais, isolada. Era portanto necessaria a insérção de uma vogal euphonica, e não havendo nenhuma dental, *m* determinou a labial *u*. Assim: (e) s u m está por (e)-s-m (i).

No monosyllabo s u m ha primitivo apenas *s m*.

Postas em frente as fórmas a s m i ἔσμι e s m i, vê-se que a mais primordial é a sãoskrita porque *a* se abranda em *e*.

Ora em sãoskrito o accento tonico está em *a* de a s m i. Este facto basta para se explicar a queda do *i* em latim depois da deslocação do accento tonico passado para *u* de (e) s u m.

Visto ser a fórma sãoskrita a mais archaica, estudemol-a nos seus elementos. Entram nella dois:

1.° O *verbal* — a s «estar, estar presente», na significação primordial, mais tarde desenvolvida em «ter respiração, viver, etc.»

2.° O *pronominal* — m i abrandamento de m a designando a primeira pessoa.

A fórma a s m i separa-se pois assim: as-mi=as-ma «eu estando presente», ou melhor traduzido «eu (que) estar presente.»

Alguns auctores julgam que a fórma a s-m a não é a proto-arica. Seria a s-a-m a. Mas não é aqui o logar para ir tão longe como *Scherer* («Zur geschichte der deutschen sprache», Berlim, 1868, veja-se especialmente paginas 213 a 361 «Das personal pronomen» onde elle explica a flexão árica, — proto-árica) cujas doutrinas, alem disso, foram combatidas por Kuhn e por outros glottologos allemães, francezes e italianos.

Estas duas series de raizes — *verbal, pronominal,* — provêem do processo psychologico proprio para communicar a idéa que se fazia ou *descrevendo os objectos* ou *chamando para elles a attenção.*



*Descrevendo-os,* o árya escolheu para cada objecto o seu modo de ser, a sua qualidade mais saliente.

*Chamando para elles a attenção,* indicou esses objectos, ou só pelo gesto apontando-os, ou pelo gesto acompanhado de uma especie de interjeição, de som rapido, facilmente emissivo, prompto, adequado ao gesto.

Combinados inconscientemente estes dois modos de expressão inherentes ao processo psychologico proprio para communicar a idéa, a synthese reune-os, fazendo sobresair ou a idéa de acção ou a de uma qualidade.

A analyse dos grammaticos designa por *verbos* e *nomes* estes dois modos de expressão. O seu caracter commum é designarem uma pessoa ou um objecto ao mesmo tempo que exprimem uma qualidade ou uma acção.

Se do *nome* ou do *verbo* separarmos a parte phonica que é estranha respectivamente á *qualidade* ou á *acção*, resta-nos a que mostra a *pessoa* ou *objecto.*

Exemplo:

b h a r t ā «ferens, sustentans; qui sustentat; maritus.»

b h a r ā m i «fero, sustento.»

O primeiro vocabulo descreve o objecto, a pessoa, pela qualidade saliente «ferens»; e só tarde, com o emprego do nome já recebido no uso, designou verdadeiramente a pessoa na qual essa qualidade saliente se dava, sem sequer a recordar.

O segundo vocabulo descreve um modo de ser attribuido a um agente,

O primeiro vocabulo, designando o individuo «qui sustentat», descreve-o expressando a qualidade propria para o fazer conhecido, para o distinguir.

O segundo vocabulo denota uma acção designando ao mesmo tempo quem a pratíca.

Tiremos ao *nome* a parte phonica estranha á qualidade; fica b h a r.

Tiremos ao *verbo* a parte phonica estranha á acção; fica b h a r.

Tiremos ao *nome* a parte phonica estranha ao objecto, ao individuo *indicado, mostrado;* fica t ā.

Tiremos ao *verbo* a parte phonica estranha ao agente, para o qual se chama a attenção enunciando-se a idéa de que foi elle que praticou a acção; fica ā m i.

Levando a analyse mais longe, descobrem-se ainda duas partes em ā m i, as quaes são ā m i. Em t ā podemos dizer que ha a compensação pela queda da flexão do nominativo t ā = t a r s.

A parte b h a r, que nestes dois vocabulos representa a qualidade ou a acção, é a raiz *verbal — predicativa* ou *attributiva.*

A parte m i = m a, e a parte t a r que representam o nome do agente, que designam, mostram o agente da acção (em sãoskrito t ṛ = t a r é suffixo designativo de instrumento, proprio para...; e de parentesco), são raizes *pronominaes* ou *indicativas.*

A idéa primitiva expressa por b h a r t ā é portanto complexa, é a expressão de uma phrase:

b h a r — idéa indeterminada de levar, levando, etc.
t ā — aquelle que é proprio para.

A idéa primitiva expressa por b h a r ā m i é egualmente complexa, é expressa por uma phrase:

b h a r - ā, idéa primitiva de levando, levador.
m i = m a, eu.

Vemos assim como, ao principio, palavras monosyllabicas se juxtapozeram para enunciarem uma idéa mais ou menos complexa. Pouco a pouco a phrase foi-se convertendo em palavra polysyllabica, e esta conversão chegou mesmo a juxtapor-se a outra, ou outras, formando mais tarde esse sommatorio um todo inseparavel na idéa de quem o empregava na expressão.

Este facto não é exclusivo dos periodos primitivos, dá-se particularmente antes da fixação pela escripta, e, ainda depois, emquanto a litteratura não completa essa fixação. Assim em portuguez (e digo em portuguez, por me occupar aqui da nossa lingua), os adverbios em *mente* e os futuros em *ei* são condensações, sommatorios de palavras juxtapostas anteriormente. Em latim classico não ha fórma que dê o futuro em *ei*. A sua origem é conhecida de todos, não me detenho a expol-a. Mas já no latim classico os futuros em *bo* são periphrasticos e creação posterior do latim, similhante á que se deu no ramo árico irlandez. E alem dos futuros em *bo*, terminação originaria da raiz b h ū «ser», tem o latim outros tempos periphrasticos que os grammaticos consideram em geral como simples. Porque os perfeitos em *ui*, *vi*; *si*, *xi*, não são simples: *ui*=*vi* de *fu-i* onde *f*=φ=*bh*, sendo a raiz b h ū «ser», no grego φύ-ω, e sendo *v* a semivogal transformação da vogal labial *u*; *si*=*xi*, exemplo *panxi*=*pang-si*, que passou a *pank-si*, explicando-se -*si* pela fórma -es-i, de um perfeito onde -es=-σα do primeiro aoristo grego.

E foram estes perfeitos que deram nascimento ás fórmas em *ueram*, *veram*, etc., taes *amaveram*, *monueram*, *monuero*.

Os unicos tempos simples do latim são: o presente dos tres modos — indicativo, imperativo e subjunctivo; os futuros em *am*; e os preteritos reduplicados ou em *i*, taes como *momordi*, *cecidi*, *tetuli*, *legi*, *dixi*, *amavi*, etc.

Isto mostra como o segundo membro da palavra composta perdeu o seu valor phrasico, e nas linguas mais syntheticas passou a simples flexão.

O que se deu nos verbos deu-se em os nomes. E o mesmo allemão, que tanta facilidade tem em formar palavras compostas, perdeu já em certos vocabulos originariamente compostos o valor phrasico do segundo membro componente. Quando o allemão diz *christenthum*, o proprio grammatico vê na voz terminal *thum* apenas uma syllaba formativa, um verdadeiro suffixo. E, todavia, originariamente foi *doms*,



no gotico, «conhecimento, opinião» como no inglez de hoje *doom* «juizo, sentença judicial», da raiz a que pertence o allemão *thun* e o inglez *do* e é d h ā «pôr, estabelecer», e assim corresponde ao inglez *doom* o sãoskrito d h a r m a «justiça, lei, prescripção.»

É tempo de deixar estes vestigios de syntaxe já por fim toda interior, e dizer alguma cousa da exterior, isto é, da syntaxe que rege a successão, a dependencia desses vocabulos, que outr'ora phrases, tiveram a sua syntaxe tambem.

---

A phonologia e a morphologia são as partes da grammatica comparativa árica que, excepto algumas questões secundarias, estão definitivamente constituidas.

Magistralmente tratada, pelo que respeita á construcção grammatical das linguas áricas em periodos modernos, a syntaxe comparativa árica está ainda no seu periodo de elaboração.

Diez tratou a das linguas romanicas no terceiro volume da sua «Grammatik»; Grimm a das linguas germanicas no quarto volume da sua obra já citada; e Miklosich a das linguas slavas na «Vergleichende Syntax der Slavischen Sprachen»; Adolpho Regnier esboçou a do sãoskrito classico e vedico scientificamente nos seus estudos «Sur l'idiome des Védas et les origines de la langue sanskrite»; Delbrück tratou «Ablativus, localis und instrumentalis im altindischen, lateinischen, griechischen und deutschen, ein beitrag zur vergleichenden syntax der indogermanischen sprachen» — «Ueber den indogermanischen, speciell den vedischen dativ» — «Der Gebrauch des conjunctivs und optativs im sanskrit und griechischen», trabalho escripto em collaboração com Windisch e sob o titulo «Sintaktische Forschungen». Jully, de Munich, como notasse que os auctores das «Investigações syntacticas» tinham excluido a lingua zenda, cuidou em as fazer sobre ella e escreveu «Ein Kapitel vergleichendes syntax, etc.»

Um anno depois escreveu «Geschichte des infinitivs im indogermanischen». Ludwig, de Praga, escreveu «Der infinitiv im Veda». Mas estes trabalhos não dispensam de ler com attenção o notavel de Wilhelm «De infinitivi linguarum sanscritae, bactricae, persicae, graecae, oscae, umbriae, latinae, goticae, forma et usu» tão louvado por Benfey, Meyer e outros orientalistas e glottologos.

Do proprio Benfey devo mencionar por ordem de annos: «Ueber einige Pluralbildungen des indo-germanischen Verbum.» 1867. U. die Entstehung u. d. Formen des indogermanischen Optativ (Potential), so wie u. d Futurum auf sanskritisch s j ā m i u. s. w.» 1871. «U. d. Entsthng d. indgrm. Vokativs», 1872. «U. d. indgrm. Endungen d. Genetiv Singularis ī a n s, ī a s, ī a.» 1874, etc., que ultimamente recebi.

E, por terminar, que não posso mencionar todos os trabalhos, cito o do meu professor em Paris, o distincto sãoskritologo, quão douto glottologo e philologo, Bergaigne: «Essai sur la construction grammaticale considérée dans son développement historique, en sanskrit, en grec, en latin, dans les langues romaines et dans les lan-

gues germaniques» in «Mémoires de la Société de linguistique de Paris», a partir do 1.º fasciculo do tomo 3.º

As pessoas que desejem ter conhecimento perfeito do modo pelo qual estas questões têem sido tratadas, e em que livros e por que auctores, lerão com prazer e fructo o notavel estudo que sob o modestissimo titulo de «Cenni storico-critici» Domenico Pezzi, da faculdade de philosophia e lettras da Universidade de Turim, escreveu sobre a «Glottologia aria recentissima». Roma, Turim e Florença, em casa de Ermano Loescher, 1877.

---

A historia geral das linguas áricas ainda não está escripta. Mas não faltam materiaes preparados, e definitivamente, a que só falta o cimento que os una, porque para alguns dos grupos particulares essa historia está feita.

O motivo da falta d'este trabalho importantissimo é complexo; mas provém ella, principalmente, de não estar ainda resolvido o problema da classificação genealogica, e divisão chronologica, do fallar proto-árico em varias linguas, pela Asia e pela Europa.

Que para estes differentes idiomas reunidos sob a denominação de indo-germanicos, ou indo-europeus, ou irano-indo-europeus, ou áricos, ha um laço commum; que todos provêem de um idioma proto-árico, é indubitavel. Mas em que ponto do espaço?—Pergunta a que ainda não se deu resposta satisfactoria; e todas as que ha são hypotheticas.—Como se foram separando as linguas desenvolvidas dessa proto-árica?—Outra pergunta a que se têem dado respostas divergentes.

O que está hoje mais acceito é:

1.º Unidade glottica (deve-se a Bopp e a Pictet);

2.º Esta unidade dividida em dois ramos: asiatico, europeu (Schleicher, Lottner, Fick.)

Schleicher dividiu a unidade glottica em duas partes: uma, ário-greco-italo-celtica; outra, slavo-teutonica. Subdividiu depois o ramo *ária* (denominação restricta na linguagem d'elle e não lata como aqui se emprega neste escripto) em eranianos e indianos; os greco-italo-celtas em ramo italo-celtico e ramo grego; o ramo italo-celtico em italico e em celtico. Subdividiu o ramo slavo-teutonico em slavo-litavico e em teutonico; o slavo-litavico em litavico e slavo.

Lottner distinguiu positivamente em ramo europeu subdividido 1.º em helleno-phrygio; e em meridional-occidental e em septentrional: comprehendendo celtas e italicos como occidentaes, e como septentrionaes germanicos, slavos e litavicos. Esta distincção capital de Lottner é a de Fick no seu grande e monumental trabalho «Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen.»

Alguns glottologos quizeram fazer ver que ha relações particulares entre o slavo e o eraniano; e portanto impugnar radicalmente a classificação lottnesiana. Tal foi o fim do interessante opusculo de João Schmidt «Die Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen». Ao que respondeu Fick com o seu livro



«Die ehemalige Spracheinheit der Indogermanen Europas», cujo fim é demonstrar a existencia do ramo ário-europeu unitario, por opposição ao ário-asiático unitario.

Os argumentos neste debate são grammaticaes e lexicologicos. Os verdadeiramente importantes são os grammaticaes e consistem principalmente:

1.º Em que nos cinco ramos europeus o *a* primitivo se muda em *e* nas mesmas palavras e fica *a* em certas outras tambem identicas entre si, emquanto que no ramo asiatico permanece numas e em outras o *a*;

2.º Em que nos cinco ramos europeus o *r* primitivo se muda em *l* nas mesmas palavras ou permanece inalterado em certas outras cuja identidade é reconhecida, ficando quasi sempre *r* no ramo asiatico.

Por similhança de argumento se contrapozeram á theoria de Fick factos a factos. Suscitou-se a duvida de se o slavo-litavico devia entrar no ramo asiatico, porquanto nelle ha raizes onde existe uma sibilante similhantemente á morphologia asiatica, emquanto que na morphologia europea a essa sibilante em taes raizes corresponde *k* (*c*=*q*).

Exemplo:

Ao sãoskrito ṡata, zenda, ṡata corresponde com sibilante; o antigo bulgaro suto, o lituano szimta, em opposição ao *k* do grego κατο (ἕ-κατον), latim centu, celta: (ant. irl.) cet, e bretão cant, gotico hunda (Vide no quadro *h*=*k*)

Ao sãoskrito ṡiras por enfraquecimento d'um originario karas=ṡaras corresponde o grego κάρα e o latim cere em *cere*brum por um lado, por outro corresponde o zenda ṡara, e na Europa o lituano szerai, celta (ant. irl.) ceann.

L. Havet examinou esta questão na «Revue critique» (23 nov. 1872) e depois nas «Mém. de la société de linguistique», tom. II, fasc. 4, e chegou á conclusão: que a distincção entre dois *k*s, um dos quaes é representado por sibilante no ário-asiatico e no slavo-litavico, se dava já no proto-árico, que a alteração d'um delles em sibilante se operára de modo independente nesses ramos, como se operou egualmente, na phase romanica, com relação ao latim. Ex. em portuguez *cento* (*çento*=*sento*) do latim *centum*=*kentum*.

Depois d'estas discussões póde julgar-se definitivamente estabelecida a arvore genealogica das linguas áricas, e por consequencia a dos povos áricos, se á unidade glottica corresponde unidade ethnica. É este outro problema, mas de que não tem a occupar-se a glottica.

A reconstrucção das fórmas primitivas pelas suas derivadas historicas foi tentada com talento assombroso, mas prematuramente, por Schleicher.

Os trabalhos d'estes ultimos dez annos vieram modificar a idéa de Schleicher, amplial-a; e deve dizer-se: prestaram ao genio do mallogrado Schleicher, tão cedo arrebatado pela morte, o tributo digno da sua descoberta.

Em conclusão: a sciencia da linguagem, a glottologia, está constituida. Tem grandes factos por base, grandes resultados como prova, o methodo como instrumento de investigação. E o que mais é, como sciencia constituida tem hoje importancia tal pela sua vastidão, e pela sua influencia sobre o pensar humano, que é de obrigação do governo d'um paiz fazel-a entrar no quadro da sua instrucção pública. Completa-se com o estudo do sãoskrito, que é a sua base indispensavel.

Do estudo, da glottologia e do da lingua e litteratura sãoskrita, principalmente védica, depende o verdadeiro ensino das lettras. Sem estes estudos jámais se comprehenderá a historia; jámais se penetrará nesse mysterio do espirito humano, que só por elles se conhecerá, a psychologia dos povos áricos.

Ha nelles materia para numerosos cursos publicos. Vemos nas 28 universidades allemãs (incluindo as da Austria allemã) 268 professores fazendo cursos de glottica geral, de philosophia da linguagem, de grammatica comparada: das linguas áricas, das semiticas, das ural-altaicas, e das slavas, das germanicas, das romanicas; e ensinarem sob o ponto de vista historico-comparativo o sãoskrito, o zenda, o grego, o latim, o allemão, o inglez, o hebreu, etc. Em o numero dos professores, que assim ensinam ramos da glottologia, não incluo o dos professores que ensinam a prática d'uma ou d'outra lingua cujo estudo scientifico aquelles dirigem e proseguem. Taes mestres de linguas os ha adjunctos ás universidades, como póde ver-se por exemplo do «Deutsches Akademisches Jahrbuch» de 1877.

Não se limita ainda assim o ensino da glottica ás universidades. Entram já nos gymnasios, levando a uma reforma, brevemente completa do estudo das linguas na instrucção secundaria, pondo-o de accordo com o ensino superior.

Glotticos eminentes como G. Curtius e Schweizler-Sidler escreveram compendios para o estudo do grego e do latim, de cujos resultados praticos dão prova as numerosas edições e traducções.

Até ás linguas vivas se vae applicando o methodo.

Este movimento de estudos, tão extraordinariamente desenvolvido, tem-se propagado a outros páizes; achâmol-o em grande grau de progresso em França, na Inglaterra, na Italia, na Russia, nos paizes scandinavos, na Hollanda, na Belgica, na America do norte.

E por terminar esta parte do meu relatorio, lembrarei a circumstancia caracteristica de que a cadeira de glottica de Oxford tem de dotação annual 600 libras esterlinas.

## V

Para introducção d'estes estudos em Portugal devemos partir d'um ponto: os conhecimentos necessarios ao professor não se aferem pelas necessidades immediatas do discipulo. É preciso que distingamos entre estudos necessarios ao mestre e estudos necessarios ao alumno. É preciso que nos lembremos que só o alumno que for *discipulo* (no sentido elevado da palavra) póde ser mestre, porque sem tradicções para transmittir é-se autodidacta.

Daqui resulta a necessidade de preparar os professores em escolas superiores onde se habituem ao methodo, e donde, tendo chegado pelo proprio trabalho dirigido convenientemente a adquirir sciencia bastante, sáiam aptos para transmittirem o saber que é delles. E jámais o saber pertencerá aos que se limitarem ao ensino da sciencia, alheios ao methodo que a constituiu. O professor dos elementos do latim, por exemplo, não deve ensinar grammatica comparativa aos seus jovens alumnos, mas carece absolutamente de conhecer Bopp, Schleicher, Diez, e até se não o hindu Pánini, bem o sãoskrito estudado pelas grammaticas europeas.

A modificação dos programmas, a adopção de determinados compendios não elevam o nivel intellectual d'uma nação. Não o elevam, tão pouco, as grandes descobertas filhas do genio ou do acaso, quando se façam isoladas. Eleva-o o methodo na investigação, a organisação do trabalho consequente a outro cujas tradicções transmitte melhoradas.

Carece-se entre nós sobretudo de reformar o ensino superior, obrigando a elle todos os individuos que se destinam ao ensino secundario. Na Allemanha os professores de gymnasio devem ter todos um curso universitario.

Assim os professores de linguas, de historia, de geographia e de philosophia nos lyceus, devem sair de uma escola superior, onde esses mesmos estudos se façam superiormente. como se fazem, superiormente, os estudos de mathematica, os de phisica, os de chimica, os de biologia e os de sciencias concretas taes como a geologia.

Existem no Curso Superior de Lettras as cadeiras:

De historia, 1.ª e 5.ª

De litteraturas classicas, 2.ª

De litteraturas modernas, 3.ª

De philosophia, 4.ª

É preciso harmonisar este quadro com o do ensino nos lyceus. Tal é o começo d'uma boa reforma.

Deve ahi introduzir-se, já, o ensino superior de linguas e de glottica e o de geographia comparativa e ethnologia.

Para isto podia-se reduzir a uma só cadeira a 1.ª e a 5.ª; separar a 3.ª cadeira em duas: (a) litteratura germanica (allemã, ingleza e escandinava, principalmente) e grammatica comparativa das linguas germanicas; (b) litteraturas romanicas (portugueza, hespanhola, franceza e italiana principalmente) e grammatica comparativa das linguas romanicas.

Ou por outro modo:

Reunir a historia patria (parte da 1.ª cadeira) á cadeira de litteraturas romanicas (parte da 3.ª cadeira).

Reunir a historia universal (parte da 1.ª cadeira) á 5.ª cadeira.

Deixar ficar a 2.ª e a 4.ª cadeiras como estão.

Reunir á parte da 3.ª cadeira, que respeita ás litteraturas que não são romanicas, a grammatica comparativa das linguas germanicas.

Crear, alem d'esta nova cadeira, outra de glottica geral das linguas classicas e especial das romanicas.

Crear definitivamente a cadeira de sãoskrito classico e vedico e respectivas litteraturas, que mais tarde devia ser dividida em duas: (a) sãoskrito classico e grammatica comparativa das linguas modernas áricas da India; (b) sãoskrito vedico, mythologia comparativa, litteratura vedica e antiguidades eranianas.

Limito-me aqui. Mas não me falta o desejo de fallar da creação d'uma cadeira de arabe comparado com o hebraico, e d'outros estudos, dos quaes alguns já existem entre nós, taes o de paleographia, que deve entrar no Curso Superior, o de numismatica, que não deve continuar isolado, e o de economia politica, que lhe pertence por natureza.

Mas não é meu intuito esboçar um programma d'uma Faculdade de lettras. Não me compete esse trabalho. Tenho só que dizer como devem entrar os estudos orientaes, principalmente o sãoskrito, e os de glottica para a organisação scientifica.

Para professores das novas cadeiras creadas não carece o governo de S. M. F. de pedir a estranhos venham regel-as. Temos entre nós quem esteja ao corrente do methodo e seja capaz de fazer o ensino scientifico da grammatica comparativa das linguas germanicas e conheça a fundo as respectivas litteraturas. Temos tambem quem seja capaz de professar com honra para o paiz e applauso de estranhos a grammatica comparativa das linguas classicas e a das romanicas.

Se por considerações que respeito o governo de S. M. F. entender que só deve crear-se definitivamente a cadeira de sãoskrito como está agora provisoriamente, e, a par della, tanto como ella, a absolutamente indispensavel de glottica, sem proceder a outras reformas; é conveniente ver que ramo da glottica deve preferir-se para objecto do ensino no Curso Superior de Lettras.

Serei breve, para terminar este relatorio já bastante extenso.



Formam hoje e formarão sempre, tal é a alta rasão que a isso move, o quadro do ensino de linguas em os nossos lyceus, as linguas da antiguidade classica europea, e, dentre as modernas, o portuguez, o francez, o allemão e o inglez.

Um curso de glottica não póde abranger ao mesmo tempo todas estas linguas. Constituem ellas tres grupos:

(a) Grego e latim, que devem ser estudados, historica e comparativamente, com o sãoskrito.

(b) Portuguez e francez, que devem ser estudados, historica e comparativamente com o hespanhol e com o italiano como linguas romanicas.

(c) Allemão e inglez, que devem ser estudados historica e comparativamente com o gotico, como linguas germanicas emfim.

A ter de optar-se por um só destes grupos para objecto de estudo no Curso Superior, deve preferir-se o grupo (b) porque:

1.º O estudo d'elle tem por objecto directo o conhecimento scientifico da lingua nacional, desenvolvido juntamente com o das outras linguas, phases modernas do latim;

2.º A historia das linguas romanicas é uma parte da historia da lingua latina, e o glottologo tem de traçar os phenomenos capitaes d'estas para fazer comprehender bem aquella, por isso que o ponto de partida da grammatica comparativa das linguas romanicas é necessariamente a grammatica latina;

3.º A historia e a etymologia das linguas romanicas leva o glottologo a dar conta, frequentes vezes, de factos e mesmo pormenores circumstanciados ácerca das linguas celticas, germanicas e gregas e outras ainda da familia árica e bem assim da familia semitica;

4.º Nenhum outro ramo europeu da familia árica póde seguir-se em tão longo periodo de transformação profunda, com o auxilio de serie quasi ininterrupta de monumentos litterarios, como o constituido pelo latim e seus dialectos modernos;

Pelo que finalmente:

5.º A grammatica comparativa das linguas romanicas é a melhor introducção ao estudo da grammatica comparativa das antigas linguas áricas. O que já demonstrou Max Müller;

E,

6.º O ensino historico-comparativo das linguas romanicas é o mais adequado a fazer conhecer o rigor perfeito do methodo glottologico.

Em paiz como Portugal, de lingua latina, completa-se sufficientemente o estudo glottologico, com o ensino: do sãoskrito e litteratura ario-hindu, e o das linguas romanicas.

## VI

Parece-me ter satisfeito ao que me foi ordenado.

Creio ter demonstrado a necessidade, o que é mais do que a utilidade, do estudo do sãoskrito e da glottica no quadro do ensino superior. Creio ter demonstrado a utilidade do ensino do sãoskrito e d'uma das linguas vernaculas da India para o effeito da boa administração colonial.

Julgue-me o governo de S. M. F., e o paiz, pelo que deixo escripto nos meus tres relatorios.

Eu estou convencido de que a creação d'estas cadeiras, a sua influencia reciproca, collocadas umas ao lado das outras, completando-se mutuamente, preparando professores e tendo portanto sempre alumnos; continuando em grau superior os estudos preliminares dos lyceus, é bastante motivo, por emquanto, para a elevação do nivel intellectual da nação. O effeito pedagogico tornar-se-ha palpavel dentro de alguns annos. Mas urge acabar com o estado de isolamento em que até agora se tem deixado cada uma das disciplinas ensinadas.

Quiz de proposito evitar citações em todo este relatorio. Mas não posso esquivar-me a fechal-o com uma importantissima.

«On sait aujourd'hui — lê-se na »Revue critique d'histoire et de littératnre», 1873, I, 4 — que l'enseignement supérieur de l'Allemagne a été le principal instrument de sa renaissance politique. Ce qui a donné à cette renaissance tant d'élan et de force, ce ne sont point les enthousiasmes étroits et naïfs de quelquer savants, d'un Vilmar, d'un Giesebrecht ou d'un Freitschke; c'est au contraire l'esprit de sévère et universelle investigation scientifique qui a fondé *dix-sept* chaires de langues romaines dans les universités d'Allemagne, quand la France n'en possède que trois et n'a pas une chaire de langues germaniques; c'est cette fois dans la science qui a fait créer à Strasbourg une Université mieux dotée que l'enseignement supérieur tout entier de la France, et qui, au lendemain de 1815, faisant entreprendre ce grand recueil des historiens du moyen âge, les *Monumenta Germaniae*, avec cette épigraphe: *Amor patriae dat animam.* Les Allemands ont pensé que l'étude critique et approfondie de l'histoire et des littératures était puissant pour rendre à un peu-



ple affaibli et divisé la conscience de lui-même; et l'événement a prouvé qu'ils ne s'étaient pas trompés.»

Tenho a honra de assignar-me,

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Marquez d'Avila e de Bolama,
Presidente do Conselho de Ministros, Ministro
e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino,

De V. Ex.ª

Com todo o respeito e lealdade,

Creado muito dedicado e obrigadissimo

Lisboa, 21 de Janeiro de 1878.

G. de Vasconcellos Abreu

Rua Nova de S. Francisco de Paula, n.º 23, 2.º andar.